

A DESIGUALDADE RACIAL E ECONÔMICA NO MOVIMENTO FEMINISTA

Larissa Hermes Heck¹

Tiago Luiz Pereira²

Aline Sabino da Silva Paloschi³

Taynara Stefani Schmitz⁴

INTRODUÇÃO

Ficou conhecido popularmente como “feminismo” os movimentos liderados por mulheres, que saindo do seu isolamento e rompendo com o seu silêncio, se organizavam em torno da sua especificidade e lutavam pela superação das desigualdades e opressões sofridas pelo sexo feminino. Esse movimento foi construído, assim, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõe a trajetória histórico-cultural de submissão e opressão das mulheres. O movimento feminista é uma tentativa de libertação das amarras de uma sociedade patriarcal. Todavia, mesmo com boas intenções, o próprio movimento, de forma não intencional, acabou agravando algumas problemáticas, como o racismo e a hierarquia de classes entre mulheres. Assim, o presente resumo visa abordar as problemáticas, raça e classe, dentro do movimento feminista.

METODOLOGIA

Este resumo foi desenvolvido a partir de pesquisas de cunho bibliográfico e teórico, com o método de abordagem dedutivo, procedimento histórico-analítico e como

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Direito do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga. E-mail: larissaheck0@gmail.com

² Psicólogo, Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, Professor e Coordenador do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAI - UCEFF Itapiranga. E-mail: tiago@uceff.edu.br

³ Psicóloga, Mestre em Educação, Professora dos curso de Psicologia, Direito, Pedagogia do Centro Universitário FAI – UCEFF Itapiranga. E-mail: alinesabino@uceff.edu.br

⁴ Professora do Curso de Graduação em Direito na Unidade Central de Educação FAI Faculdades de Itapiranga – SC. Mestrado em Direitos Humanos pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Graduada em Direito pela Faculdade de Itapiranga – FAI. E-mail: taynara@uceff.edu.br

técnica de pesquisa indireta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde o início do movimento feminista, mulheres brancas de classes privilegiadas tomaram a frente do movimento, pois eram elas o grupo de mulheres que atraíam a atenção da mídia de massa e assim, mesmo que involuntariamente, fizeram com que as suas aflições pessoais fossem “os problemas” que deveriam ser o foco do movimento. Assim, as preocupações das mulheres negras de classe baixa e trabalhadora raramente eram destacadas pela mídia de massa convencional⁴. Como por exemplo, cita-se a grande repercussão dada a problemática da sujeição feminina ao lar, na qual mulheres brancas de alta classe social estavam sentindo-se insatisfeitas com o fato de serem subordinadas e confinadas ao lar, como donas de casa. Porém, esta questão foi apresentada como a “crise das mulheres”, de forma generalizada, mas na realidade, era uma crise sofrida somente por um grupo pequeno de mulheres brancas, com alto nível de educação. Enquanto uma minoria das mulheres, composta por mulheres brancas e de alta classe social, criticavam o confinamento ao lar, a maioria das mulheres pertencia a classe baixa e assim, a classe trabalhadora. Muitas dessas trabalhadoras dedicavam-se a longas horas de trabalho, com salários baixos e ainda eram responsáveis por todo o trabalho doméstico⁵. Em verdade, a maioria dessas mulheres negras da classe trabalhadora teria visto o direito de ficar em casa como uma “liberdade”⁶.

Somente mulheres brancas de altas classes sociais imaginavam que trabalhar fora de casa iria realmente proporcionar a autossuficiência econômica almejada, porém, mulheres da classe trabalhadora já estavam cientes de que a renda advinda do trabalho não iria libertá-las da dominação masculina⁷.

⁴ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos. n.p.

⁵ HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luíza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, n. p.

⁶ Ibidem.

⁷ CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015. Sem pág.

As mulheres negras eram minoria dentro do movimento feminista, mas a voz da experiência era delas, pois viviam e sentiam com maior intensidade os custos da resistência da dominação de raça, gênero e classe⁸.

Não obstante, a medida que mulheres brancas ingressavam e ganhavam voz na sociedade, discussões feministas sobre classe e raça deixavam de ser lugar-comum, caindo no esquecimento. Em vez disso, todas as mulheres eram incentivadas a ver os progressos econômicos das mulheres de alta classe, como um sinal positivo para todas elas. Além disso, como homens de alta classe social não se tornaram igualmente responsáveis pelas tarefas domésticas a partir do ingresso ativo de mulheres brancas de poder na sociedade, a liberdade destas mulheres exigiu a subordinação das mulheres negras trabalhadoras⁹. Esta hegemônica tomada de controle da retórica feminista sobre igualdade colaborou para mascarar a fidelidade dessas mulheres às classes dominantes dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca. Mulheres brancas ricas entraram para o movimento apagando e negando as diferenças de raça e classe. Logo, a grande divisão de classes e raça separou inúmeras mulheres pobres e negras de mulheres ricas e brancas, pois grande parcela do poder de classe que grupos de mulheres de elite conquistaram na sociedade, foi alcançado em detrimento da liberdade de outras mulheres¹⁰.

CONCLUSÃO

Ante o exposto, no momento em que mulheres brancas de poder de classe utilizam uma plataforma feminista pensando apenas nos seus interesses, ao mesmo tempo em que enfraquecem as políticas feministas como um todo, também ajudam a manter o sistema patriarcal que irá subordiná-las. Assim, elas não traem somente o feminismo, mas traem a si mesmas. Por isso, o trabalho do feminismo deve ser o de fortalecer a solidariedade política entre mulheres, além das fronteiras de raça/etnia e classe.

⁸ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos, n. p.

⁹ HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luíza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, n. p.

¹⁰ Ibidem.

Pois a autossuficiência econômica é necessária se mulheres quiserem ser livres para escolher o contrário da dominação masculina e por fim, serem totalmente autorrealizadas, mas para isso, não basta confrontar somente a opressão masculina, como também, o racismo e a hierarquia de classes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luia Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR
XIII MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)
23 de novembro de 2020

Núcleo de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito – NUPEDIR
XIII MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (MIC-DIR)
23 de novembro de 2020